As representações dos Muçulmanos durante a tomada de Lisboa pelos Cristãos (1147)

The depiction of the Muslims during the siege of Lisbon by the Christians (1147)

José Carlos Gimenez*
Universidade Estadual de Maringá

Resumo

O objetivo deste trabalho é discutir as representações dos muçulmanos no contexto da tomada da cidade de Lisboa pelos cristãos no ano de 1147, mais especificamente, como uma narrativa sobre o cerco de uma cidade pode constituir-se em uma importante fonte para conhecermos o discurso e o emprego da violência na Idade Média. Para tal propósito, tomaremos como fonte principal uma carta escrita, provavelmente entre a segunda metade do século XII e a primeira metade do XIII, por um clérigo inglês, conhecido como Osberno, que acompanhava a expedição Cruzada que se dirigia a Jerusalém. Nessa carta, a construção de uma imagem negativa dos muçulmanos serviu, sobretudo, para exaltar a qualidade e a superioridade da fé cristã frente ao Islam. A carta revela ainda, as interfaces de uma batalha tipicamente medieval, com especial destaque para os aspectos relacionados ao mundo do sagrado e do profano, em que os desejos de realização de bens materiais entrelaçam-se com ideais de conquista e de expulsão dos inimigos da fé cristã.

Palavras-chave: Conquista de Lisboa; Idade Média Ibérica; Reconquista Cristã. Cruzadas.

Abstract

This work aims to present and debate the representation of the Muslims during the enclosure and conquest of Lisbon by the Christians in 1147, more specifically, to the fact that how its siege constitutes an important source to knowing the discourse and utilization of violence in the Middle Age. To present this purpose, the main source of information is a letter, probably written between the second half of the 12th century and first half of the 13th century, written by a churchman and English crusader, known as Osbern, who followed that expedition heading for Jerusalen. In this letter, the construction of the Muslims' negative image served, above all, to praise the quality and superiority of Christian faith before the islams. Yet, the letter reveals the interfaces of a typically medieval battle, focusing on the details about the sacred and profane world, in which the desires of material fulfillment entangles with the ideals of conquering and expelling of the enemies of Christian faith.

Keywords: Lisbon Conquer; Iberic Medieval Age. Christian Reconquering; Crusades.

● **Enviado em: 02/11/2014**
● **Aprovado em: 12/12/2014**

* Doutor em História pela UFPR, Professor de História Medieval na Universidade Estadual de Maringá, Líder do grupo de pesquisa Instituições Políticas e Religiosas Medievais na Península Ibérica, pesquisador do Núcleo de Estudos Mediterrânicos, NEMED-UFPR. jcgimenez@uem.br

Introdução.

Para muitos medievalistas o resultado da Primeira Cruzada foi favorável aos cristãos ocidentais, principalmente para a Igreja que, ao incorporar e empregar os valores bélicos a serviço de Deus no combate aos inimigos da fé cristã transformou a Santa Sé em um poder temporal forte e armado, com grande penetração nos assuntos políticos de reis e Imperadores. As Cruzadas também trouxeram grande benefício econômico para os mercadores, principalmente para os venezianos e genoveses que, ao transportarem peregrinos e cruzados, aumentaram os seus rendimentos, especialmente com a instalação de entrepostos comerciais em vários portos do mediterrâneo oriental e com a fundação de novas rotas comerciais entre o Ocidente e o Oriente. Para José Luiz Corral, a ideia de Cruzada igualmente serviu de atrativo para que os cristãos da Península Ibérica idealizassem não apenas enfrentar, mas também vencer o Islam em seus territórios. Ela, todavia, teve um significado maior ainda, já que o espírito de Cruzada foi incorporado como uma ideologia de enfrentamento contra os inimigos da fé cristã em toda a Cristandade Ocidental e marcou o período[1].

Em dezembro de 1144, a perda do Condado de Edessa, uma das primeiras cidades ocupadas pela Primeira Cruzada, para o governador de Monsul e Alepo, Zangi Imadad-Din (1127-1146), reavivou o espírito beligerante dos cristãos para uma nova convocação. Glorificada pelo Papa Eugênio III (1100-1153, Papa desde 1145) e estimulada pelo abade cisterciense Bernardo de Claraval (1090-1153), os cristãos rumaram para a Terra Santa em uma segunda Cruzada, então liderada pelo rei da França, Luís VII (1120-1180, rei desde 1137), e pelo Imperador germânico, Conrado III (1138-52). Ainda que conduzissem uma grande armada pela Ásia Menor, os exércitos cristãos foram praticamente destruídos pelos constantes ataques das hostes turcas.

Além dos exércitos comandados pelo rei francês e pelo Imperador alemão, um terceiro contingente, saído da Inglaterra e formado por escoceses, flamengos, germanos, normandos e ingleses, também pretendia, por via marítima, alcançar a cidade de Jerusalém. A escolha desse caminho inevitavelmente obrigava os cruzados a passarem pela cidade de Lisboa, pois, naquele contexto, já era a maior e mais importante cidade da fração Ocidental da latinidade, o que lhe conferia o papel de um entreposto estratégico de abastecimento para viajantes que se deslocavam para o sul daquele continente e para a África.

[1] CORRAL, J. L. En el origen de las Cruzadas (1095-1119), In: *Breve historia de la Orden del Temple*. Barcelona Edhasa, 2007, p. 23-42.

Ao passarem por Lisboa, os cruzados auxiliaram o monarca português, Afonso Henriques (1109-1185, rei desde 1139), a reconquistar aquela cidade, que estava sob o domínio muçulmano desde o ano de 719. As venturas e as adversidades transcorridas durante essa empreitada foram relatadas, em forma de carta, por um cruzado inglês conhecido como Osberno. Maria João Violante Branco, na introdução do livro A Conquista de Lisboa aos Mouros**:** relato de um cruzado[2], traduzido e editado por Aires Augusto Nascimento, informa que o texto é conhecido somente por meio de uma única cópia preservada no Colégio *Corpus Christi* de Cambridge, e que foi incorporado àquela coleção na primeira metade do século XVI, por Mathew Parker (1504-1575), aluno e futuro vice-chanceler da própria Universidade e futuro Arcebispo de Cantuária. Ainda segundo ela, estudos de crítica textual e de análise paleográfica e diplomática do documento atestam que ele foi escrito entre a metade do século XII e primeira metade do século XIII, o que reforça a tese de que a narrativa foi produzida em um período muito próximo aos acontecimentos relatados[3]. Neste sentido pode-se afirmar que pelas informações apresentadas na fonte, trata-se igualmente de um autor que vivenciou plenamente o movimento e o espírito das Cruzadas[4].

> Las personas que vivieron en esa época sabían perfectamente lo que era una Cruzada. En los escritos de los cronistas, de los apologistas y los canonistas, así como en las expresiones empleadas por quienes redactaban cartas Papales, podemos identificar señales que informaban a los fieles de que se estaba predicando una Cruzada. En primer lugar, los participantes, o algunos de ellos, eran llamados a "aceptar la cruz", lo cual quería decir que debían prestar juramento antes de incorporar a una expedición militar con objetivos concretos[5].

Na leitura do texto, é possível constatar também que o autor pertencia ao clero e que construiu a visão desse clero sobre a missão que cabe à Igreja, a um monarca cristão e às hostes cristãs, no combate aos infiéis. Embora esses três segmentos tenham interesses distintos, uma vez que Afonso Henriques buscava consolidar seu poder sobre um reino recém-

2 Essa obra para a qual a referida professora faz a introdução foi ditada e traduzida com notas por Aires Augusto Nascimento a partir do texto original *De Expugnatione Lyxbonensi*. Lisboa, Nova Vega, 2007, 2ª edição (Coleção Obras Clássicas da Literatura Portuguesa, 96), edição que utilizamos para as nossas citações. Desse ponto em diante será usada a abreviação CLM como referência a fonte *A Conquista de Lisboa aos Mouros: relato de um cruzado.*

3 BRANCO, M. J. V. *Introdução.* In: CLM, p. 9-51.

4 O valor e a grandeza desse episódio, narrado no documento aqui analisado serviram de cenário para o escritor português José Saramago (1922-2010) escrever, em 1989, o romance *História do Cerco de Lisboa*. No livro o autor aborda de modo original e criativo a complexa relação entre os limites da história e da ficção. Sobre a contribuição dessa obra para a revitalização do romance histórico veja-se, MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. A Idade Média revis(it)ada: História(s) do cerco de Lisboa. In: *IPOTESI*: Revista de Estudos Literários. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 15, n.1, p. 153-161, jan./jun. 2011.

5 RILEY-SMITH, J. *¿Qué fueron las Cruzadas?* Barcelona: Acantilado, 2012, p. 25.

criado, a Igreja buscava substituir o Islam pelo Cristianismo e os soldados procuravam alcançar um expressivo espólio da guerra, o autor do relato construiu um discurso religioso com o objetivo de atender a diferentes objetivos. Neste sentido, somam-se aos ideais de Cruzada com os desejos de Reconquista, uma vez que,

> […] O cerco à Lisboa Muçulmana, desta maneira, assume-se como um *microcosmo* que contém todas as potencialidades dos movimentos presentes nessa época: a fragilidade do bloco muçulmano; o ímpeto crúzio que vem, neste caso, de Inglaterra, e o movimento de Reconquista, desta feita corporizado em Afonso Henriques[6].

Margarete Labarge afirma que a determinação que levava os homens a criarem e a participar das Cruzadas é ampla, pois a análise dos fatos é ao mesmo tempo mais complexa e mais interessante, porque são muitas as razões que moviam os cruzados. O autêntico idealismo e os fervores religiosos eram entrelaçados em sonhos mais que seculares de aventura; uma vez que a cavalaria medieval encontrou nas Cruzadas uma maneira de escapar da monotonia cotidiana por meio de combates vitoriosos, juntamente com motivações religiosas e a possibilidade de alcançar um rico espólio de guerra[7].

O texto A Conquista de Lisboa aos Mouros**:** relato de um cruzado, também revela as questões apontadas acima, uma vez que a realidade de conquistas políticas e de bens materiais somava-se aos ideais e às esperanças de recompensas espirituais. Trata-se, portanto, de um documento com informações preciosas sobre a importância da Península Ibérica medieval como espaço de lutas e de propagação das desavenças entre cristãos e mulçumanos. Devido a isso e à natureza desse evento, apresentaremos um corte temático que privilegiará uma análise sobre a maneira como esse documento propagava os ideais de Cristandade frente aos muçulmanos e, mais especificamente, como estes foram representados durante o cerco e a tomada da cidade de Lisboa pelos cristãos. É a tensão de um texto fundamentado na mentalidade cristã com explícitos desejos de propagar a superioridade da sua fé frente à religião muçulmana.

Análise da narrativa.

A narrativa tinha como finalidade lembrar aos cavaleiros reunidos para o assalto e a expulsão dos muçulmanos daquela cidade que a causa religiosa deveria ser posta acima das

6 MONTE, M. P. do. Cruzada e Reconquista: as duas faces da conquista de Lisboa em 1147. In: *Medievalista online*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, ano 4, n. 5, 2008: http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA5

7 LABARGE, M. W. Viajeros medievales: Los ricos y los insatisfechos. Madrid, Editorial Nerea, 1992.

cobiças materiais, o que revela que se trata de um documento de propaganda da milícia cristã, inspirada pelo pensamento de São Bernardo de Claraval. Todavia, para o medievalista espanhol Ayala Martinez, o abade de Claraval não inventou uma nova espiritualidade guerreira, nem justificou a harmonização da tradição monástica com a milícia armada. Tratou-se de um propagandista de uma nova ética guerreira centrada na disciplina e no compromisso da cavalaria com a Igreja, que passava por um processo de renovação em torno da primeira centúria do século XII[8].

Nesse sentido, parece plausível, também, apreciar o texto sobre o Cerco de Lisboa como um desdobramento das ideias do abade de Claraval, aplicado à realidade da Península Ibérica, questão também abordada por Maria João Branco, ao afirmar que aquela narrativa não estaria fora do ambiente em que nasceu e das motivações que parecem secundar a campanha de "propaganda" da conquista de Lisboa, o que levou a tradição hispânica e Ocidental como um todo dos séculos XII, XIII e XIV a considerar o fato como um ponto determinante[9].

Com esse propósito, o autor, ao longo do texto, cria uma série de situações em que a única possibilidade de vencer os inimigos e de reconquistar aquela cidade seria a manutenção do espírito de união, baseado nos ensinamentos cristãos. Para tanto, desde a saída do porto de Dartmouth, Inglaterra, ele transforma cada nau em um microcosmo cristão e, nelas, homens de diferentes regiões e reinos da Europa deveriam fazer promessas de concórdia e de amizade, bem como respeitar as hierarquias, renunciar às vaidades pessoais e, acima tudo, que em cada navio se cumpra os ofícios religiosas com se ele fosse uma paróquia. Partir para a expulsão dos infiéis transformava-se em padecimento e peregrinação em direção ao desconhecido, em que sereias emitiam sons horripilantes, acompanhados por lamentos, risos e gargalhadas, como se fossem gritos de tropas em provocações aos opositores[10].

> La extensión creada se transforma en espacio sobrenatural. De forma deslumbrante, durante siglos, la peregrinación ha evidenciado la avidez con la que (sin duda en todo el mundo) lo sagrado se alimenta del espacio. El hombre se somete así a una prueba con el fin de alcanzar unos lugares saturados de símbolos engarzados – de tal do modo que la misma aproximación queda por anticipación santificada en virtud del objetivo al que tiende[11].

8 AYALA MARTINEZ, C. La Orden del Cister y las órdenes militares. In: *Actas - I Colóquio Internacional: Cister, os Templários e a Ordem de Cristo*. (eds. José Albuquerque Carreiras e Giulia Rossi Vairo). Tomar: Laboratório de Tecnologia e Artes Gráficas, Instituto Politécnico de Tomar, 2012.

9 BRANCO, M. J. V. *Op.Cit.*, p.11.

10 CLM, p. 57.

11 ZUMPHOR, P. *La medida del Mundo: representación del espacio en la Edad Media*. Madrid: Ediciones Catedra, 1994, p. 182.

A narrativa transita entre os fatos políticos, ou seja, a presença indesejável dos inimigos da fé e a necessidade de devolver àquela cidade as insígnias da verdadeira religião. Com isso, pode-se afirmar que a religiosidade cristã ibérica também se construiu em oposição aos paradigmas e à presença do Islam naquele território.

Em diversas passagens, o texto insiste que somente por interferência divina as hostes cristãs poderiam vencem os obstáculos, recuperar a vida normal e se revigorar para vencer os infiéis. A presença de seres fantásticos como as sereias assume aqui, um caráter pedagógico, pois serve para mostrar aos soldados que os perigos são constates, e que precisam ser decifrados para se afastarem dos maus presságios. Com esse intuito, o autor descreveu os rios, as principais cidades, as fortalezas, as igrejas e os mosteiros, entre outras, como locais onde se cultivava uma fartura alimentar e onde a natureza gerava alimentos em abundância. Além disso, aponta alguns lugares, como a cidade do Porto, cujos areais curariam diversas doenças, inclusive a lepra[12].

Um dos pontos mais significativos do documento é a descrição que o autor faz do sermão pregado pelo bispo do Porto, D. Pedro de Pitões, informando que no dia anterior já estivera com o rei português D. Afonso Henriques e que desejava transmitir as determinações que recebera do monarca lusitano. Esse bispo fez um longo discurso sobre as razões e os procedimentos que os cruzados deveriam adotar para tomar a cidade de Lisboa e expulsar de forma definitiva os infiéis[13]. Trata-se de uma belíssima passagem que possibilita uma ampla análise sobre o significado da guerra em uma perspectiva da Cristandade medieval. Não obstante, destacaremos os principais pontos em que se exaspera o Cristianismo em contraposição à religião e ao modo de vida dos muçulmanos.

A princípio, o autor exalta a excepcionalidade do cristão como povo escolhido por Deus, para, em um segundo momento, representar o muçulmano como seu oponente e, consequentemente, inferior. Em relação ao cristão, o texto os descreve como “gente bem aventurada e escolhida por Deus”, “privilegiados por Deus por entenderem os caminhos da disciplina”, “piedosos”, “filhos de uma terra feliz que nutre sentimento de unidade e santidade no seio da Igreja”, “vida de pureza religiosa”, “amparados por Cristo em nome de Deus”, “cumpridor e observante da lei”, “dignos”, “justos”, “sinceros”, “honrados”, “únicos filhos da primitiva Igreja”, “sementes de Deus”, “virtude e graça que agrada a Deus e aos homens”, entre outros predicados morais e religiosos[14].

12 CLM, p. 59-61.
13 CLM, p. 61-63.
14 CLM, p. 63-65.

Para exaltar ainda mais os combatentes cristãos evidencia-se, mais uma vez, a influência do *Tratado da Nova Milícia* de São Bernardo quando o sermão adverte constantemente os combatentes para se não esquecerem de que nessa campanha haviam sido renascidos pelo batismo da penitência e novamente revestidos de Cristo, o que os tornava superiores aos inimigos. Nesta acepção somente o Catolicismo poderia oferecer armas para os homens lutarem contra a cobiça e a desarmonia.

> [...] Eliminai, pois, a inveja que deita a perder a caridade e alimenta a discórdia que corrói e mirra o corpo não lhe permitindo manter a saúde e o vigor, pois a peste da inveja enquanto dilacera a alma, consome o corpo e mata nele o que parece ter de bom [...] É necessária, pois, a prática do amor, coisa que entre os maus não diríamos propriamente amor, mas simultaneidade; na verdade, não há amor senão entre os bons, pois não há amor consistente a não ser que haja afecto de ambas as partes. A guarda deste amor ou caridade é a inocência que é considerada de tanta virtude e graça que agrada a Deus e aos homens [...] A inocência, na verdade, repele o ferro, embota o fio das espadas, detém os inimigos, repele as intenções dos maus, pois por maravilhoso juízo da Providência divina, sempre há alguém de mau espírito e consciência torpe é certo e seguro que um obstáculo o segue para não actuar contra a inocência[15].

A passagem acima é apenas um exemplo do que se esperava de um verdadeiro guerreiro cristão para vencer os inimigos da fé, uma vez que abandonar estes e outros vícios era perpetrar uma *guerra justa*, principalmente porque ela possibilitava banir daquelas terras homens que provocavam ruínas, que geravam devastações, que fustigavam as Igrejas, que matavam religiosos. E acrescenta:

> Que há efetivamente no litoral hispânico que tenha surpreendido o vosso olhar e que não demonstre senão traços de memória da sua devastação e vestígios da derrocada? Quantos destroços de cidades e de igrejas percebestes nele pelo olhar ou pelas informações dos seus habitantes? Por vós chama a Madre Igreja, já quase de braços mutilados e de rosto disforme, reclamando o sangue de seus filhos e a vingança por vossas mãos. Clama, sim clama: 'Executai a vingança nos estranhos, exorcizai os povos'[16].

A partir dessa exaltação, o texto emprega uma linguagem beligerante contra a presença dos muçulmanos na Península Ibérica, já que eles geravam ou eram "violentos", "injuriosos", "homicidas", "salteadores", "adúlteros", "ímpios", "parricidas", entre outras características, de modo que era necessário eliminá-los. Para o autor, tal ação não consiste em atrocidade quando se castiga com retidão em nome de Deus, mas sim num ato piedoso e justo[17].

---

15 CLM, p. 65-67.

16 CLM, p. 67-69.

17 Sobre a formulação medieval de guerra justa, consultar GARCÍA FITZ, F. La justificación religiosa de la guerra: el concepto de la guerra santa. In: *La edad media, guerra e ideología, justificaciones religiosas y jurídicas*. Madrid: Silex, 2003.

> [...] Fazei guerra justa com o zelo da justiça, não com o fel da indignação. 'A guerra justa, aliás, diz o nosso Isidoro, é a que se faz por declaração para reaver o que é nosso ou com o fim de expulsar os inimigos'; e porque é justa a causa de 'punir homicidas, sacrílegos e envenenadores, a efusão de sangue não é homicídio'. Também 'não é cruel quem elimina os cruéis'. Ou 'quem elimina os maus, pelo facto mesmo de serem maus, e tem razões para os matar, é ministro do Senhor'[18].

Para que a viagem ganhasse ainda mais as dimensões sagradas em sinais prodigiosos, o autor transformou a extensão espacial a percorrer em um caminho de provações. Os cruzados se submeteriam, assim, a uma prova de superação, cuja finalidade primordial era alcançar os lugares que outrora pertenciam aos verdadeiros e únicos cristãos, mas que naquele momento estavam ocupados pelos inimigos da fé. Para exemplificar essa questão, o autor utilizou como metáfora uma disputa celestial entre duas grandes nuvens, uma branca e outra negra. A nuvem de cor branca representaria os cristãos, e a nuvem de cor negra os muçulmanos. Como desfecho da disputa, o relato mostra a cor branca como vencedora, ou seja, uma vitória dos seguidores de Cristo sobre os adeptos de Maomé. Com isso a narrativa projetava para os soldados cristãos uma expectativa de vitória predestinada e sem precedentes[19].

> [...] Foi o caso que umas nuvens grandes e resplandecentes que vinham connosco dos lados das Gálias nos apareceram a irem ao encontro de outras grandes nuvens de farrapos negros que vinham de terra firme; eram como fileiras em linha de batalha e juntando cada qual as suas alas esquerdas entraram em luta com ímpeto extraordinário, umas, a modos de infantaria ligeira, vindas da direita e da esquerda davam a impressão de saltarem para o combate, outras pareciam tornear as demais para encontrarem uma entrada, umas tantas pareciam penetrar noutras de modo e, depois de nelas entrarem, esvanecê-las como se fossem de vapor; umas levadas para cima outras para baixo, ora parecendo quase a tocar nas águas ora a perder-se do olhar nas alturas. Quando finalmente, a grande nuvem, que nos acompanhava desde as nossas terras, arrastou consigo toda a impureza do ar de tal modo que parecia ficar para além dela uma espécie de azul extremamente límpido, no seu movimento dominou todas as outras que vinham de terra, como que proclamando vitória dispôs as prisioneiras na sua frente e, só, assumiu o domínio do espaço celeste enquanto as outras todas se começaram a desvanecer ou, se alguma pequenita ficava, víamo-la refugiar-se junto da cidade, enquanto nós clamávamos: "Eia, a nossa nuvem venceu! Eia, Deus está conosco! Está em dispersão a força dos inimigos. Estão a ficar perturbados, pois o Senhor os dissolverá"[20].

---

18 CLM, p. 69.

19 Para uma leitura sobre a simbologia religiosa presente no Cerco de Lisboa e em outras guerras peninsulares durante a Idade Média, consultar COSTA, R. da. *A Guerra na Idade Média: Um estudo da mentalidade de Cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro, Edições Paratodos, 1998.

20 CLM, p. 75.

O autor conclui o sermão fazendo um paralelo entre o passado bíblico e realidade presente, pois pretendia justificar o uso da violência contra os muçulmanos a partir de experiências passadas, principalmente em situações em que, ao seguirem a vontade de Deus, os homens já tinham realizado guerras legítimas, como o homicida e parricida Abraão, o implacável Finéias, o rigoroso Elias, o zeloso Simão Cananeu, entre outros. Para ele, os cristãos deveriam seguir o exemplo de Abraão, que fez guerras contra idólatras, ou de Finéias, filho de Eleazar, que matou heréticos para livrar o povo de Israel de uma praga que o afligia, ou ainda de Elias, que defendeu Yahweh contra o culto a Baal. Nesse aspecto, o autor rememorava o passado e fundamentava a veracidade de seus argumentos numa tradição veterotestamentária muito usada na Península a fim de corrigir o presente ao comparar os muçulmanos aos idólatras, heréticos e adoradores de um falso Deus. Sobre a relação entre passado e presente como legitimador da história, Juan António Estrada afirma que

> […] Cualquier movimiento que surge en la Iglesia tiene que integrarse dentro de las estructuras e instituciones existentes. Por eso, retrospectivamente, cada teología buscó legitimar la vida religiosa, vinculándola a otros acontecimientos cristianos anteriores. Lo primero es la realidad histórica, luego viene la tematización teológica y a búsqueda precursores, influencias y antecesores[21].

Para justificar, ainda mais, a necessidade de expulsão dos inimigos da fé cristã, o autor descreveu Lisboa como um local paradisíaco a ser conquistado. Com isso, mais uma vez, o mundo maravilhoso se revelava, e a cidade de Lisboa oferecia uma possibilidade de concretização material e espiritual de muitos dos anseios dos cristãos. Contudo, insiste a narrativa, ela estava ocupada pelos mouros, o que impossibilitava os soldados de aproveitar a abundância de seus recursos naturais, da fertilidade do seu solo, onde tudo que se plantasse se colheria, assim como do rico comércio que enriqueceria a todos. Não bastasse isso, a cidade oferecia águas com propriedades medicinais que podiam curar diversas doenças. E, o mais atrativo para a sociedade guerreira da época, éguas que se reproduziam apenas com o sopro do vento.

> [...] Tem ouro e prata e nunca faltam produtos de ferro. Predomina a oliveira. Nada fica nela por cultivar ou é improdutivo nem fica sem trazer uma messe ambulante. Não amanham o sal, mas escavam-no. [...] Até os terrenos áridos estão recobertos de pastos. É famosa por muitos gêneros de caça. [...] É saudável de ares. Tem, por outro lado, esta cidade banhos quentes. [...] Próximo fica o castelo de Sintra, a uma distância de umas oito milhas, local onde há uma fonte puríssima, cujas águas, segundo dizem, servem para curar a tosse e a tísica, pelo que quando os moradores ouvem alguém a tossir depreendem que não é natural dali [...]. Nos seus campos espinoteiam éguas

[21] ESTRADA, J. A. La vida religiosa y el laicado. In: *Religiosos en una sociedad secularizada: Por un cambio de modelo*. Madrid: Editorial Trotta, 2008, p. 21.

> de surpreendente fecundidade, pois, ao serem bafejadas pelos favónios, concebem do vento e, depois, atacadas pelo cio copulam com os machos, assim se acasalando com o sopro das brisas[22].

Conquanto apresentasse a cidade com essas características, quando os cruzados cristãos começaram a entrar, encontraram uma realidade caótica, com ruas abarrotadas de pessoas vivendo em promiscuidade. Isso ocorria, segundo o autor, porque não havia entre eles forma alguma de limite e cada um impunha sua própria lei, o que atraía gente de toda parte do mundo, principalmente os mais viciados. De acordo com o relato, os muçulmanos transformaram Lisboa em um *viveiro de toda a licenciosidade e imundície*[23].

Antes que se iniciasse o cerco da cidade, que ocorreria em 1 de julho daquele ano, o autor descreveu uma série de eventos, tais como: a montagem dos acampamentos, as diversas tentativas de conciliação com os muçulmanos, a presença e as negociações do rei D. Afonso Henriques com os cruzados, os difíceis acordos e deliberações e, principalmente, a pressão dos cristãos sobre os seus oponentes para desocupar a cidade. Nesse episódio, o autor destaca a importância do Arcebispo de Braga e do bispo do Porto como negociadores e motivadores da batalha que se avizinhava. O Arcebispo de Braga iniciou o seu discurso afirmando que a religião dos seguidores de Maomé é um equívoco: *"O Deus de paz e de amor retire dos vossos corações a venda do erro e vos converta a si"* [24]. Em diversas passagens a narrativa afirma que os cristãos vinham em nome da paz e desejavam a paz, porém reivindicavam a cidade como um direito natural e sagrado, tomada e conservada pelos muçulmanos por meio da pilhagem. [...] *Fostes vós que viestes da terra dos mouros e dos moabitas e raptastes fraudulentamente o reino da Lusitânia a um rei vosso e nosso. São inúmeras as depredações que se fizeram e continuam ainda a fazer sobre as cidades e aldeias com suas igrejas desde esse tempo até hoje* [...][25]. O discurso do bispo foi concluído projetando que a violência que se praticaria durante a tomada da cidade era culpa dos próprios muçulmanos, pois se tratava de um povo que praticava uma religião doentia.

> [...] Tende em atenção o vosso dinheiro. Tende ao menos em atenção o vosso sangue. Aceitai a paz enquanto vos é favorável, pois é bem verdade que é mais útil uma paz nunca posta em causa que outra que se refaz com muito sangue; de facto, é mais agradável a saúde nunca alquebrada que a que foi recuperada depois de graves doenças e sob ameaças de medidas forçadas e exigências extremas pra ficar a salvo. É grave e fatal a doença que vos atinge; outra virá

22 CLM, p. 77-79.
23 CLM, p. 79.
24 CLM, p. 93.
25 CLM, p. 95.

> se não tomardes uma resolução salutar: ou ela se extingue ou vós sereis extintos [...][26].

A resposta supostamente dada por parte dos muçulmanos também expôs, entre outras possibilidades de leitura, uma visão negativa sobre aquela cultura e sobre aquela religião, já que foram considerados intransigentes nos acordos, provocadores, culpados pela violência, blasfemadores, conscientes de que cometiam pecados.

> [...] Quanto a esta cidade, ao que me parece, foi ela vossa em tempos; mas agora é nossa; no futuro talvez seja vossa. Isso, no entanto, será da vontade divina, enquanto Deus quis, tivemo-la nós; quando não quiser, não a teremos. [...] Seja-nos pois grato o que a Deus for grato, Ele que tantas vezes livrou o nosso sangue das vossas mãos; não deixamos de olhar para Ele e para as suas disposições, e com razão, por isto: porque Ele não pode ser vencido e porque tem sob o seu domínio todos os males e, por outro motivo, mais importante ainda, porque é Ele quem nos sujeita aos infortúnios e às dores ou às injurias. [...] Mas, para que hei-de demorar-vos mais? Fazei o que estiver ao vosso alcance. Nós, o que for da vontade de Deus[27].

Aqui, percebemos, portanto, que o uso da violência por parte dos cruzados já fazia parte da "lógica" da guerra cristã. Como afirma Riley-Smith, a violência não era um mal intrínseco, mas moralmente neutro, pois o seu valor moral derivava das intenções de seus perpetradores. Ainda segundo esse autor, a partir de um ponto de vista teórico, era possível conceber uma violência "boa", e ações repressivas "justas", ideia que constituía uma das bases do conceito medieval de guerra. Somando-se a isto, completa o autor, era a convicção de que Deus estava intimamente relacionado com as estruturas e os acontecimentos políticos, haja visto que este mundo seria o resultado da sua vontade e a violência servia para justificar uma reação imprescindível contra a injustiça ou a agressão[28].

Como se pode perceber no relato do cruzado inglês, os mouros são descritos como obstinados a continuar nos seus erros. A essa teimosia, o bispo do Porto rebateu enquadrando-os como extremistas incorrigíveis: *Vós, como é vosso hábito, fixais num ponto apenas o motivo e o objetivo da vossa obstinação e esperais pelo acontecer dos fatos e das desgraças. Ora, é frágil a esperança e débil a confiança que não procede do próprio valor, mas depende da miséria alheia* [...] [29].

Segundo o documento, antes de 21 de outubro de 1147, data em que a cidade foi efetivamente ocupada, os cristãos assediaram Lisboa e se dedicaram aos preparativos da

26 CLM, p. 95.
27 CLM, p. 97-99.
28 RILEY-SMITH, *Op.Cit.*, p. 31.
29 CLM, p. 99.

batalha construindo máquinas de guerra, elaborando as melhores estratégias, organizando e dividindo os exercícios cruzados, tudo isso com dedicação e fé na vitória. Os muçulmanos, ao contrário, zombavam dos cristãos, ameaçando-os e os insultando, [...] *cuspindo, urinando e fazendo gestos opróbios aos nossos*[30]. Segundo o relato, os maometanos, por meio desses abusos e dessas desonras, professaram contra Deus, motivo pelo qual haveriam de ser castigados. Desse modo, a narrativa transforma a vitória dos cristãos e, consequentemente, a derrota dos muçulmanos em um resultado previsível da própria vontade de Deus.

> Isso acontecia porque a justiça divina os mantinha obcecados. Quantas vezes por nós foram instados, quantas vezes lhes foram caucionados os seus direitos e bens, com a condição de saírem livremente da cidade para onde quisessem ou lhes foi admitido que ficassem em posse plena de tudo, desde que nos entregassem a fortaleza da cidade! Mas nunca o nosso Deus permitiu que a sua obstinação terminasse senão na pior e extrema desonra. Estava, efetivamente, nas previsões de Deus que sobretudo nestes tempos se daria o castigo aos adversários da Cruz através de homens de pouco valor, não importa quem eles fossem. De facto, tal como depois nos apercebemos, Deus tinha-os entregue a paixões de ignomínia[31].

Como uma espécie de balanço final da reconquista da cidade, a parte derradeira do texto é reservada para justificar a vitória cristã, assim como a maneira como ela foi reconstruída após a expulsão dos muçulmanos. O texto reforça a ideia de que o triunfo dos cruzados, ainda que muitos soldados cristãos insistissem em se afastar de uma *guerra justa* e desejada, também proporcionaria a reconciliação com o verdadeiro Deus e à obediência a Ele, caso contrário [...] *sereis semelhantes aos que ultrajaram a Cristo com bofetadas e lhe cuspiram no rosto ou lhe bateram na cabeça e lhe colocaram em cima a coroa de espinhos*[32]. Assim, o verdadeiro cristão é aquele que não comete qualquer pecado e os fazem diferentes dos mouros que profanam a fé ao macular a cruz, ou como fizeram outrora os judeus, que martirizaram o corpo de Cristo.

Ainda mais, o texto afirma que Deus, na sua sabedoria, havia criado e redimido os pecados dos homens enviando seu filho, o qual somente era possível reencontrar por meio da Igreja. Colocar a Igreja Católica como depositária da justiça e da guerra, como nos diz o fragmento abaixo, revela que o ensejo fundamental do verdadeiro cristão estaria na defesa e propaganda dos valores em que assenta a sua crença. Neste sentido, a fé vinculada à Igreja, apresenta-se como valor objetivo, ainda que para isso seja necessário praticar atos de

30 CLM, p. 105.
31 CLM, p. 107.
32 CLM, p. 119.

violência contra aqueles que ela considera desprezíveis e imorais[33]. Para fundamentar o emprego derradeiro da violência contra os muçulmanos, o relato do cruzado inglês afirma que os ocupantes da cidade de Lisboa são os seres mais ignominiosos do mundo. Para mais, afirma ainda, que eles concebem Cristo de forma errada, e que somente a Igreja de Roma sabe distinguir a verdadeira missão do filho de Deus.

> [...] Ora, o Filho de Deus, tal como a Igreja católica acredita e venera, assumiu a natureza humana para nela sofrer o que era próprio do homem. É este o remédio dos homens tão grande que nem se pode pensar quão grande seja. Ó remédio que a todos dá conforto, que elimina o que é supérfluo, que guarda o indispensável, repara o perdido, corrige o depravado! [...][34].

Embora em diversas partes da narrativa o autor Osberno assegure que a cidade seria tomada com o único objetivo de restabelecer a paz e a ordem sob os preceitos cristãos, mostra-nos que os juramentos feitos pelos cristãos não se concretizaram, uma vez que no assalto final foram cometidos saques e iniquidades contra todos os habitantes da cidade, independentemente da idade, do sexo ou da fé que eles professavam.

Podemos considerar, portanto, que o texto sobre o cerco da cidade de Lisboa espelha os ideais cristãos que almejavam a libertação de Jerusalém. Lisboa figura muito mais que uma paragem necessária para o abastecimento, uma vez que nela habitam os "inimigos da fé" e, ao reconquistarem-na, revelaram, por meio de suas ações, o sentido e o espírito de uma verdadeira *guerra santa*.

Outra questão importante para compreensão do texto, e não pode ser esquecido, o autor pertence ao universo mental das Cruzadas e, possivelmente, reunia funções sacerdotais e guerreiras. Adotou um ideal de guerra propalado por São Bernardo de Claraval, e por meio dele construiu uma narrativa que recuperava diferentes vozes com um desejo fervoroso de superação e de mudança, cujas expressões máximas traduzem-se em bens materiais e em conforto espiritual, ainda que para isso tenham lançado mão das armas e da violência contra os consideram inimigos da fé católica.

33 PIKAZA, Xabier. *Violencia y religión en la Historia de Occidente*. Valencia: Tirant lo Blanch, 2005, p. 189.
34 CLM, p. 121.